

Fernand Braudel, a América Latina e o Brasil: um capítulo pouco conhecido de sua biografia intelectual

CARLOS ANTONIO AGUIRRE ROJAS*

Resumo: este artigo trata da importância da obra de Fernand Braudel sobre o Brasil e a América Latina e sobre a importância de sua estada aqui para o conjunto de sua obra.

Abstract: This article analyses Fernand Braudel's work about Brazil and Latin America, and the influence of his stay in this continent on his work as a whole.

Palavras-chave: Fernand Braudel. Historiografia. América Latina.

Key words: Fernand Braudel. Historiography. Latin America.

"Eu me tornei uma pessoa inteligente, indo ao Brasil. O espetáculo que eu tinha diante dos olhos era um espetáculo de História, a tal ponto... que eu compreendi a vida de uma maneira completamente diferente".

Fernand Braudel (Colóquio de Chateauvallon, outubro de 1985).

Embora já tenham transcorrido oito anos desde a desapa-
rição do grande historiador Fernand Braudel, ainda não existe
uma biografia intelectual verdadeira e completa, que reconst-
tua para nós todo o complexo périplo espiritual percorrido
pelo autor de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época
de Felipe II*.¹ Deste modo, considerado por alguns como o Grande

* Professor no Instituto de Investigaciones Sociales da Universidade Nacional
Autônoma do México.

¹ Até hoje, não existe uma biografia pessoal nem intelectual de Fernand
Braudel. E, mesmo que se possa considerar que oito anos é pouco tempo para

essas empresas, a comparação com casos próximos e parecidos - como, por exemplo, Jean Paul Sartre ou Michel Foucault, que já dispõem de uma ou mesmo várias biografias pessoais - tornaria relativa essa idéia. Na falta dessa biografia intelectual, o leitor poderá consultar o próprio ensaio autobiográfico de Fernand Braudel "Personal Testimony", no *Journal of Modern History* (vol. XLIV, nº 4, 1972; também publicado agora em seu original francês como "Ma formation d'historien", em *Écrits sur l'histoire* II, Ed. Arthaud, 1990), assim como o ensaio de Paule Braudel, "Braudel antes de Braudel" nas *Primeras Jornadas Braudelianas* (México: Ed. Instituto Mora, 1993; e em francês na revista *Annales*, année 47, nº 1, 1992). Também vale a pena reler as alusões do próprio Braudel em seu artigo "En guise de conclusion" em *Review* (vol. I, nº 3/4, 1978), no livro *Une leçon d'histoire* de Fernand Braudel (Paris: Ed. Arthaud-Flammarion, 1986), e em várias das diferentes entrevistas dos anos de 1980-1985. Nesse sentido, também são de utilidade os ensaios - metade biográficos, metade recordações e depoimentos pessoais de seus discípulos -, como, por exemplo, de Alberto Tenenti ("Lucien Febvre e Fernand Braudel storici", *En la España medieval*, nº 12, 1989; ou "Braudel come un grande storico", *Il globo*, Roma 26 set. 1982); de Vitorino Magalhães Godinho, ("Evocação de Fernand Braudel", *Jornal de letras, artes e idéias*, nº 182, dez-jan, 1985-1986); de Emmanuel Le Roy Ladurie ("Braudel le novateur", *L'Express*, 6-12 dez. 1985); de Felipe Ruiz Martín, ("Fernand Braudel", *Revista de Historia Económica*, ano IV, nº 1, 1986); de Ruggiero Romano ("Fernand Braudel I". In: *Tra storici ed economisti*. Turim: Ed. Einaudi, 1982); de Maurice Aymard ("Braudel (Fernand)". In: *La nueva historia*. Bilbao: Ed. Mensajero, 1988); de Immanuel Wallerstein ("L'homme de la conjoncture". In: *Lire Braudel*. Paris: Ed. La Decouverte, 1988; e "Braudel". In: *Encyclopedia of World Biography, 20th Century Supplement*, vol. XIII, 1987); ou de Marc Ferro ("Au nom du Père". *Espaces Temps*, nº 34/35, 1986). Merecem uma menção à parte os prólogos e artigos de Maurice Aymard, que poderiam dirigir-se como intenção futura para essa biografia intelectual, como "Braudel enseigne l'histoire" (In: *Grammaire des Civilisations*. Paris: Ed. Arthaud-Flammarion, 1987, ou sua "Presentazione" (In: *Il secondo Rinascimento*. Turim: Ed. Giulio Einaudi editore, 1986), ou também "Fernand Braudel, the Mediterranean and Europe" (*Mediterranean historical review*, vol. 2, nº 1, jun. 1987), "L'Italia-mondo nell'opera di Braudel" (*Critica marxista*, nº 1, 1987), "La storia inquieta di Fernand Braudel" (*Passato e Presente*, nº 12, set-dez 1986), "Une certaine passion de la France, une certaine idée de l'histoire" (*Lire Braudel, op. cit.*), e "El itinerario intelectual de Braudel" (In: *Primeras Jornadas Braudelianas, op. cit.*) O primeiro intento sistemático de um maior estímulo, nessa linha de uma verdadeira biografia intelectual de Braudel, é o livro de Giuliana Gemelli *Fernand Braudel e l'Europa universale* (Veneza: Marsilio editori, 1990), que, no entanto e lamentavelmente, cobre apenas o período 1949-1979, e além disso

Patrono da historiografia francesa dos últimos 40 anos, o Papa dos historiadores ou como o candidato mais forte e seguro ganhador de um hipotético Prêmio Nobel da História, e qualificado por outros como o Proudhon do século XX, ou o Schumpeter da História, ou também definido como um dos grandes intelectuais do século XX, ou ainda como alguém cuja obra estava destinada a ser "uma revolução na maneira de conceber a História", este "grande empresário das ciências sociais", que foi o Presidente, o Rei ou o Príncipe Braudel, para continuar fazendo outras referências às denominações dadas a sua pessoa, continua esperando ainda essa obra que seja capaz de restituir o arco inteiro de sua trajetória intelectual.²

E se, em geral e apesar da enorme popularidade mundial que a sua pessoa e principalmente a sua obra alcançaram nos últimos 20 anos, ainda carecemos dessa reconstrução analítica de sua aventura intelectual global, ignoramos mais ainda daquela longa etapa de sua vida que acertadamente foi classificada como a de "Braudel antes de Braudel", isto é, daquele período anterior a 1949 e à publicação de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, que antecede o que, em termos contemporâneos, seria a constituição do próprio Fernand Braudel como "autor", como o homem que produziu - como seu primeiro grande trabalho - essa obra excepcional da historiografia contemporânea cujo tema é a pesquisa do Mediterrâneo e suas civilizações no marco do "longo século XVI".

desviando-o em direção à consideração do problema do vínculo entre as instituições acadêmicas francesas e as fundações norte-americanas. A tarefa de elaboração dessa biografia intelectual de Fernand Braudel continua ainda como uma tarefa por realizar. Este ensaio pretende contribuir para mostrar um dos capítulos menos conhecidos dessa biografia, estimulando assim uma pesquisa futura nesse sentido.

² Para todos esses qualificativos, podem ser consultados, entre outros materiais possíveis, o n° 344/35 da revista *Espaces Temps*, cit., o n° 212 de *Le Magazine Littéraire*, nov. 1984; ou o n° 1100 de *Le nouvel observateur*, de 6-12 dez 1985. A tese sobre Braudel como autor de uma "revolução na maneira de conceber a História" é de Lucien Febvre, em sua resenha "La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II" (In: *Pour une histoire à part entière*. Paris: Ed. EHESS, 1982).

Desse modo, o intervalo que vai de 1923 até 1949, e que se desenvolve entre a conclusão de seus estudos de História e o momento em que a sua primeira grande obra mencionada vem à luz, resulta ser o período menos pesquisado até hoje, e conseqüentemente também o menos conhecido da trajetória intelectual do autor de *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. Entretanto, trata-se de uma fase crucial da trajetória espiritual braudeliana, pois esses são os anos nos quais a peculiar concepção braudeliana da História não apenas toma forma e adquire seus primeiros perfis, mas também se constrói e desenvolve a própria gênese dessa primeira obra sua em torno da história do Mediterrâneo.

Abrangendo então praticamente dois terços do que será a curva integral que haverá de percorrer dentro da historiografia e das Ciências Sociais do nosso século, a etapa 1923-1949 da biografia braudeliana aparece como muito mais relevante do que até hoje tem sido considerada, por incluir tanto o "processo formativo inicial das diversas visões braudelianas" sobre os diferentes processos da História quanto a *chave* da "elaboração da arquitetura teórica" de seu primeiro grande trabalho.

Se nos aproximarmos então com mais cuidado dessa fase decorrida entre 1923 e 1949, não poderemos deixar de observar que a mesma coincide, aproximadamente, com a singular conjuntura que a França, como toda a Europa, e inclusive o mundo inteiro, viveram entre as duas grandes guerras mundiais do século XX. Uma conjuntura de uma riqueza intelectual excepcional, que se manifestou em diversas correntes, obras de projetos de ordem "crítica" diante das formas da cultura dominante, e que constitui a atmosfera específica na qual vai desdobrar-se esta primeira etapa do itinerário biográfico de Fernand Braudel.

Essa etapa, alimentada em geral por esse clima intelectual singular, que incluirá, de acordo com os testemunhos do próprio Fernand Braudel e também de Paule Braudel³, três importantes "experiências vividas" durante esse tempo, que serão

³ Cf. o artigo de Fernand Braudel "Personal Testimony", *cit.*, e o de Paule Braudel, "Braudel antes de Braudel", *cit.*

simultaneamente três raízes ou fontes principais dos contornos específicos que mais adiante irão definir seu projeto intelectual inteiro. Essas experiências seriam a estada na Argélia (1923-1932), que, além do descobrimento de sua vocação e habilidade docentes, lhe permitirá um olhar "descentralizado e pelo avesso" do Mediterrâneo e da Europa; a experiência brasileira (e, mais amplamente, latino-americana), que no dizer do próprio Braudel o tornou "verdadeiramente inteligente" e o converteu no historiador peculiar que ele "chegou a ser" (e que abrange os anos 1935-1937 e depois uma boa parte de 1947, quanto à imersão direta na vida do Brasil, mas que, como veremos, pode estender-se até aos anos 1935-1953, se nos referimos ao forte laço de Braudel com a América Latina); e, finalmente, a situação do cativo, durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1945), onde o nosso autor acabará estabelecendo sua arquitetura tipológica dos diferentes tempos e desde então a armação geral de sua primeira obra.

É um conjunto tríplice de situações ou experiências vividas, dentro das quais se destaca, talvez como a mais multifacética e diferente, a mencionada experiência brasileira e latino-americana. Porque, diante do exercício inicial argelino, mais orientado para a atividade de ensino da História e depois cenário da rica transição do ponto de vista braudeliano - desde a História tradicional até a Nova História Econômica e Social - e a diferença da difícil adaptação ao mundo do cativo, que como situação-limite torna possível condensar e dar uma forma mais acabada ao périplo antes percorrido, o momento brasileiro e os "ecos" latino-americanos que ele suscita aparecem então como um laboratório singularmente importante dentro da configuração da personalidade intelectual braudeliana, como essa possível fonte de "sabedoria" histórica e pessoal que, deixando sua pegada significativa dentro da marca particular do historiador lorenense, explica também a constante evocação de exemplos, lembranças e lições que Fernand Braudel gostava sempre de repetir.

Qual foi então o impacto que este capítulo brasileiro/latino-americano teve na formação do pensamento braudeliano? Como foi que a vivência do sub-continente da América

Latina penetrou na reflexão e nas perspectivas globais do pai da longa duração histórica? O que foi que Braudel deu ao Brasil e à América Latina, e o que foi que ele recebeu deles? E como este momento do itinerário braudeliano se conecta com o conjunto de sua obra, de suas contribuições teóricas e de seus desenvolvimentos metodológicos e historiográficos posteriores? Ou, para resumi-lo em uma única pergunta, qual é hoje o balanço global que nós podemos fazer desse intercâmbio espiritual realizado entre Fernand Braudel e a América Latina e o Brasil, da perspectiva da biografia intelectual do primeiro? Adiantemos algumas hipóteses de resposta a essas perguntas, com o claro objetivo de suscitar um debate que possa provocar novas e mais cuidadosas investigações em torno desses problemas, que consideramos verdadeiramente relevantes.

I

“Em seu lugar, eu me-preocuparia em não esquecer o continente descoberto por Álvares Cabral... Assim você será, ao mesmo tempo, um historiador mediterrâneo e brasileiro. E nós precisamos dos dois” (Lucien Febvre, Carta a Fernand Braudel, março de 1942).

O capítulo brasileiro da vida de Fernand Braudel começou em 1935, quando ele aceitou um convite inesperado para participar como membro da Missão Francesa que, desde 1934, ajudou a fundar e a construir a Universidade de São Paulo, no Brasil. Mas essa estada no Brasil, que se prolongará por três anos seguidos (1935-37), e que se repetirá por sete meses em 1947, foi apenas o ponto de partida de uma relação e de uma experiência mais geral que Braudel estabelecerá com a América Latina, e que absorverá uma parte considerável de sua atividade intelectual, desde 1935 até aproximadamente o ano de 1953. Este capítulo - mais do que apenas brasileiro, latino-americano - do périplo braudeliano, que virá a ser tão importante durante esses anos que até poderíamos pensar que num momento dado provocou no próprio Braudel a séria dúvida sobre tornar-se um “especialista” da história latino-americana, tal como Lucien

Febvre lhe pedia amistosamente, nos difíceis tempos da Segunda Guerra Mundial.

Porque, longe de ser uma simples experiência transitória e anedótica, a estada de Braudel no Brasil gera todo um amplo processo de reflexão auto-crítica e de revalorização de todo o conjunto de suas concepções anteriormente adquiridas, processo que, imbricando-se com os progressos de sua investigação sobre o Mediterrâneo, vai acabar transformando desde a raiz toda a sua visão acerca das formas de conceber e de fazer a História. O que explica então o fato de que Braudel repita, a todo momento, que foi no Brasil onde ele se tornou inteligente, que aí ele se transformou no que finalmente foi, enquanto historiador, e que foi essa vivência brasileira que lhe permitiu situar a "problemática" que exigia então sua investigação em curso sobre o Mediterrâneo.⁴ Deste modo, seu trabalho como titular da cátedra de História das Civilizações na Universidade paulista é, ao mesmo tempo, a origem de um interesse explícito que Fernand Braudel vai desenvolver e incrementar, a respeito da história e da civilização latino-americanas, e que o levará a concentrar, em sua biblioteca pessoal, cerca de 1.200 textos, entre livros, artigos e ensaios, cujo tema é precisamente a América Latina.⁵ Esse interesse fundamental, orientado para a compreensão da nova civilização com que ele entrou em contato, é que nos permite então entender o pedido ou a recomendação de Lucien Febvre, incluída na epígrafe que encabeça este capítulo, e que o próprio fundador dos *Annales d'histoire Economique et Sociale* irá reiterar pouco tempo depois, ao escrever-lhe ainda a 16 de maio de 1942: "Não esqueça o Mediterrâneo, mas também não esqueça os seus estudos da América do Sul".

⁴ Cf. a entrevista com Fernand Braudel, "Une vie pour l'histoire" (*Magazine littéraire*, nº 212, *cit.*); "Une leçon d'histoire de Fernand Braudel" (*cit.*) e seu artigo autobiográfico "Personal Testimony" (*cit.*).

⁵ Informação fornecida por Mademoiselle Labignette, responsável pelo Bureau Braudel, que concentra uma parte importante do seu legado intelectual na Maison des Sciences de l'Homme. Esta parte da biblioteca de Fernand Braudel, sobre os diversos temas da América Latina foi doada ao Institut d'Hautes Études sur l'Amérique Latine, de Paris.

Porque, a partir dessa primeira estada em São Paulo, e através de um trabalho contínuo de leituras, de redação de resenhas críticas e do estabelecimento de vínculos com diversos grupos de historiadores latino-americanos, Braudel vai penetrar cada vez mais no universo das problemáticas e dos desenvolvimentos históricos da América Latina. Isso vai culminar no fato de que uma parte fundamental de sua atividade acadêmica e intelectual, desenvolvida entre 1946 e 1953, tenha como um de seus eixos principais a história e a vida latino-americanas. De tal modo que, entre os anos de 1935 e 1953, que hoje estamos analisando, Braudel vai percorrer dois claros períodos nos quais seu trabalho principal estará fortemente voltado para seu interesse e seus laços com o nosso sub-continente latino-americano, sendo ambos os períodos mediados por um terceiro, cujo centro de gravidade será, em troca, o tema global de seu Mediterrâneo.

Já depois do seu primeiro contato radical com o Brasil dos anos trinta, que preenche o primeiro "período latino-americano" mencionado (1935-1937), Fernand Braudel reinstala-se em Paris, para concentrar-se novamente na redação de sua grande tese de doutorado sobre o Mediterrâneo, projeto que ocupará a maior parte de seu tempo entre 1938 e 1945. Sob o amistoso, mas também enérgico pedido de Lucien Febvre, e desde o fim de 1937, Braudel relê todo o material acumulado dez anos antes sobre os diversos assuntos do mar e da civilização mediterrânea, preparando-se para a redação final de sua obra. Mas é neste processo que ele é surpreendido pela Segunda Guerra Mundial, o que implicará que a referida elaboração final seja realizada de memória, em quatro rascunhos sucessivos, que foram escritos durante esses anos de prisão que nós antes evocamos.⁶

Entretanto, e como também já mencionamos, Braudel manterá durante essa fase de 1938-45 - embora de modo marginal e latente - seu interesse pelos temas latino-americanos, sobre os quais Lucien Febvre chama sua atenção, insistindo para que ele "não os esqueça". É assim, o pesquisador da história medi-

⁶ Sobre este aspecto, veja-se o ensaio já mencionado de Paule Braudel "Braudel antes de Braudel".

terrânea realizará, entre 1938 e 1945, oito "notícias" ou, dito de outro modo, resenhas críticas sobre livros, artigos ou ensaios de temas da América Latina, publicados na *Revue Historique*, nos *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, ou em suas *Mélanges d'Histoire Sociale* - nestes últimos, e em pleno 1943, um ensaio de vinte páginas sobre a obra do sociólogo brasileiro Gilberto Freire⁷ -, o que demonstra que, embora apenas de maneira periférica, ele vai, não obstante, continuar cultivando essa linha de estudos e pesquisas.

Isso se mostra claramente no retorno realizado dentro do período imediatamente subsequente, que cobre os anos de 1946 a 1953, porque, a partir de 1946, quando Braudel já havia concretizado o corpo principal de sua tese de doutorado sobre o mundo mediterrâneo, esse interesse antes latente se transformará novamente num interesse central, gerando uma intensa atividade e um importante estreitamento simultâneo dos laços entre o historiador lorenense e o mundo latino-americano. Essa aproximação clara, que reedita o primeiro interesse provocado pela experiência dos anos 1935-37, se refletirá nas publicações, nos temas dos cursos ministrados, nos projetos acadêmicos, e até nas nomeações honrosas recebidas ou nas visitas acadêmicas ao estrangeiro, que preenchem este período da vida de Fernand Braudel.

Comprometendo-se deste modo com um trabalho intelectual em que a nota dominante é o laço - cada vez mais sólido - com a América Latina, Braudel organizou, de 1946 a 1949, um Curso Semestral sobre o tema "A América Latina Contemporânea", que foi ministrado no *Institut d'Études Politiques* de Paris⁸, onde o nosso autor conhecerá, entre outros discípulos latino-americanos, Mario Monteforte Toledo, que foi um dos dois tradutores da versão espanhola, que seria publicada em 1953 pela

⁷ Para as referências exatas dessas oito resenhas, cf. a síntese de Branislava Teengti "Bibliographie des écrits de Fernand Braudel" (In: *Mélanges en l'honneur de Fernand Braudel, Methodologie de l'Histoire et des sciences humaines*, Toulouse: Ed. Privat editeur, 1973).

⁸ Cf. o *curriculum vitae* que Braudel redigiu em outubro de 1949, para entrar ao Collège de France. Dossier A III 4° 187 (7) da Biblioteca do Collège de France.

editora Fondo de Cultura Económica do México, de seu já mencionado livro sobre *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*.

E se, por meio dessa cátedra latino-americana, Braudel alarga e diversifica seus contatos e seu conhecimento global de nosso sub-continente, não por isso descuida seus mais antigos e relevantes nexos com o universo brasileiro, já que, desde 1945, Fernand Braudel foi eleito membro da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo, na qual participam de maneira proeminente seus próprios discípulos da geração 1935-37, e que, agora na qualidade de professores e historiadores já formados, estavam estimulando naquela época uma renovação importante da historiografia brasileira. Portanto, é esse um clima renovador, que se alimenta dos ecos e das lições dos próprios membros da Missão Francesa dos anos trinta, e que também vai criar o espaço propício para a segunda longa estada de Braudel na Universidade de São Paulo, na qual ele decide trabalhar novamente de maio a dezembro de 1947, desta vez como titular da cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea.

É o segundo período de trabalho sistemático no ambiente paulista, que não só valerá a Braudel a obtenção do seu primeiro Doutorado *Honoris Causa* - de uma lista que, no final de sua vida, chegará a cerca de vinte -, concedido pela Universidade de São Paulo, mas que significará também a oportunidade de renovar e ampliar seus laços - pessoais e acadêmicos - com os historiadores e intelectuais brasileiros, em primeiro lugar, mas igualmente com o mundo acadêmico da Argentina e do Chile.

Pois, aproveitando esta segunda volta ao Brasil, o recém-nomeado doutor pela Sorbonne realizará também duas visitas acadêmicas, primeiro à Argentina - em julho de 1947 - e depois ao Chile. Nessa primeira visita, Braudel entrará em contato com o historiador José Luis Romero e com todo o grupo de renovadores argentinos concentrado ao redor deste último. Assim, além das três conferências públicas que proferirá no Insti-

tuto Francês de Estudos Superiores⁹, Braudel terá também reuniões de debate acadêmico com os membros do mencionado grupo, o que frutificará na construção de uma ponte importante com esse conjunto de inovadores cientistas sociais argentinos, ponte esta que será também a origem de alguns resultados braudelianos dignos de menção. Por exemplo, o capítulo redigido por Braudel, a pedido do próprio Romero, para uma projetada obra em vários volumes, que deveria ser publicada sob o título *História Americana*, capítulo este cujo tema era "A vida européia e suas projeções na América, 1530-1700", e que, tendo sido escrito por Braudel e enviado à Argentina, nunca foi publicado, permanecendo, portanto, inédito até o dia de hoje.¹⁰

Multiplicando desta maneira os seus laços com as historiografias e as Ciências Sociais latino-americanas, Braudel enriquecerá e irá dilatando progressivamente seus horizontes de sensibilidade e conhecimento em direção ao conjunto do mundo latino-americano, o que explica que, de volta de sua segunda estada no Brasil, em 1948, tenha aceito responsabilizar-se parcialmente e colaborar de maneira significativa, com várias contribuições breves, para a composição do número 4 desse mesmo ano de 1948 da revista *Annales. Economies. Sociétés. Civilisations*. Esse número foi consagrado à América Latina, e nele o próprio Braudel comenta, através de suas resenhas críticas, uma bibliografia que contempla tanto temas gerais de nosso subcontinente - discutindo, por exemplo, se este constitui ou não uma "unidade de civilização", ou uma simples unidade política

⁹ Sobre as datas e os temas destas conferências, veja-se o jornal *La Nación*, de Buenos Aires, dos dias 8, 16, 18 e 22 de julho de 1947.

¹⁰ Nós recuperamos este material, de cerca de 40 páginas datilografadas, tanto em sua versão original em francês quanto na tradução ao espanhol realizada naquela época. Ambas serão publicadas num futuro próximo; entretanto, cabe ressaltar o fato de que o próprio Braudel teve a falsa impressão de que o material tinha sido finalmente publicado, o que explica que tenha sido incluído como já publicado em sua *Bibliographie des écrits...*, de Branislava Tenti, antes citada, no ano de 1948. A referência não é exata, pois esse projeto coletivo de uma *História americana*, coordenado por José Luis Romero, nunca foi publicado, por razões de ordem comercial, o que levou a editora que havia apoiado o projeto na Argentina a arquivar os materiais do mesmo até o dia de hoje.

ou geográfica, ou, por outro lado, os ritmos, peculiaridades e efeitos do processo de mestiçagem e da estrutura étnica dos nossos países - quanto aspectos particulares da história e da vida contemporânea do Chile, Argentina, Cuba, Venezuela, Brasil ou das Antilhas.¹¹ Como fica patente no conjunto de contribuições braudelianas para essa edição de *Annales*, seu autor já havia superado, nesse momento, o interesse originalmente mais limitado às fronteiras brasileiras, demonstrando já se encontrava bastante familiarizado com os novos e últimos estudos sobre temas de toda a América Latina, ao ponto de animar-se a participar, em alguma medida, com tomadas de posição relativas aos debates mais atuais desses mesmos anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra.

Situando-nos então na ante-sala da entrada de Fernand Braudel ao prestigiado Collège de France, em outubro de 1949, pareceria que o desejo manifesto por Lucien Febvre sete anos antes teria acabado por cumprir-se. Nesta data, e a julgar pelo *curriculum vitae* que o próprio Braudel apresenta ao candidatar-se à cadeira de "História da Civilização Moderna" - até então ocupada pelo próprio Lucien Febvre -, nosso autor pareceria ajustar-se ao perfil de poder ser considerado, ao mesmo tempo, um "especialista do Mediterrâneo" e um "especialista da América Latina". Porque, além dos cursos já citados sobre a América Latina Contemporânea, ministrados de 1946 até esse momento, e também da "Missão Acadêmica" de 1947, que inclui a segunda estada no Brasil, assim como as visitas ao Chile e à Argentina, Braudel inclui no conjunto de suas publicações toda uma seção completa de trabalhos cujo tema é exatamente a América Latina¹², na qual ele inclui - além de suas contribuições e sua

¹¹ Cf. *Annales*, nº 4, 1948.

¹² Uma das seções de quatro que compõem o total desta lista de publicações. As outras três seções são: 1. A África do Norte e a Espanha (que inclui principalmente os seus primeiros trabalhos publicados e que parece aludir a um tema então já superado); 2. A Itália e o Mediterrâneo, e 3. Seu livro *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II* (sendo que estas duas últimas seções referem-se à sua investigação mais global sobre o Mediterrâneo, onde cabe destacar a aparição autônoma e explícita da Itália. Cf. este *curriculum vitae* no *Dossier* citado, da Biblioteca do Collège de France. So-

participação no número 4/1948 de *Annales* e do capítulo inédito da *História Americana*, já referidos - o artigo "O conceito de país novo", publicado em português, em 1937, e sua resenha crítica sobre a obra de Gilberto Freire, de 1943.

Mas, além disso, e num projeto que testemunha o conhecimento já acumulado sobre o mundo, a história e a civilização latino-americanas, Braudel informa também que já tinha firmado um contrato para escrever, dentro da conhecida coleção de História Geral dirigida por Gustave Glotz - publicada pela editora Presses Universitaires desde 1925 -, uma "obra de síntese", cujo título é justamente *Historia da América hispano-portuguesa*, obra que, no fim, não se concretizaria, mas na qual possivelmente Braudel haveria recuperado os rascunhos de uma História do Brasil que ele havia escrito durante sua primeira estada em São Paulo, como iria rememorar muitos anos mais tarde, versão que também permanece inédita até a atualidade.¹³

Com todos esses elementos mencionados, 1948 e 1949 pareceriam ter sido os anos de auge no processo de aproximação de Fernand Braudel aos temas latino-americanos, pois, ao mesmo tempo em que é preparado e depois publicado seu primeiro grande livro sobre o Mediterrâneo, Braudel dá cursos, prepara um número da revista *Annales*, mantém correspondência, escreve notícias e resenhas críticas e até projeta trabalhos de síntese sobre a História da América Latina, que ele próprio concebe como um dos seus campos particulares de "especializa-

bre o "tema italiano", cf. o artigo de Maurice Aymard "L'Italia-mondo nell'opera di Braudel" (*cit.*).

¹³ Rascunho que não se sabe com certeza se sobreviveu até os nossos dias. Sobre ele, cf. a entrevista realizada com Braudel, por motivo da comemoração dos 50 anos de fundação da Universidade de São Paulo "Primeiras Histórias. USP, 50 anos: lembranças de um pioneiro francês", na revista *Isto É*, fevereiro de 1984. Nela, Braudel diz textualmente: "Pergunta: Vários integrantes da Missão Francesa escreveram sobre o Brasil. A história brasileira nunca o inspirou?"

Resposta de Fernand Braudel: "Eu escrevi um livro sobre a história do Brasil, mas não quis publicá-lo, apesar da insistência de meu amigo Júlio de Mesquita Filho. Para mim, era muito difícil escrever um livro de história para os brasileiros..."

ção", e em consequência de certos resultados publicados de pesquisas.

Entretanto, e com o começo da década dos anos cinquenta, pareceria começar pouco a pouco a decrescer esse papel central dos problemas da América Latina dentro da atividade global do recém-nomeado professor do Collège de France, que ao mesmo tempo em que subsume este tema dentro de um novo interesse muito mais amplo - sua preocupação pela história comparada, e vista em escala planetária, do capitalismo moderno - começa a "encerrá-lo" como um tema auto-suficiente, de forma progressiva e por meio de uma série de diferentes trabalhos de balanço e de conclusão geral do caminho percorrido nesse sentido desde 1935.

Deste modo, e pouco depois de, em 1951, ter sido eleito membro da Comissão de História do Instituto Pan-americano de Geografia e História, com sede no México, Braudel organiza para o ano acadêmico 1951-1952 dois cursos para o Collège de France, cujos temas são "O Oceano Atlântico no século XVI" e "Problemas históricos e problemas atuais da América Latina". Ambos os cursos, principalmente o segundo, são muito ilustrativos da guinada que Fernand Braudel está dando em relação a seu interesse anterior pelo nosso sub-continente, guinada que em nossa opinião culminará no final de 1953.

No curso sobre o Oceano Atlântico, Braudel retoma novamente o vínculo essencial entre a Europa e a América, que é construído precisamente pela intermediação e progressiva humanização desse mesmo oceano, justamente desde o "longo século XVI", que ele estudou em seu primerio grande trabalho de tese de doutorado. Mostrando então o caminho dessa reinserção da história latino-americana dentro das correntes e movimentos maiores da história universal, e apoiando-se nas pesquisas em realização por Pierre Chaunu, de Frank Spooner, de Vitorino Magalhães Godinho e de Delafosse e Trocmé, nosso autor abordará também o problema da construção do "Atlântico Americano", que se inicia com essa "primeira América espanhola" que são as Antilhas, Atlântico americano que Braudel

considerava um personagem fundamental, embora lamentavelmente esquecido, da própria história latino-americana.¹⁴

Avançando agora pelo caminho de subsumir a América Latina dentro de uma perspectiva de análise muito mais global, Braudel vai optar pela realização de um balanço geral do conhecimento adquirido com relação a esta problemática definida do mundo latino-americano. Assim, o segundo curso aludido, cujo tema orientador é a própria situação histórica e atual da América Latina, será considerado por nosso próprio autor como "...a conclusão de trabalhos e explicações anteriores que se sucedem durante uma vintena de anos", quer dizer, como uma reflexão conclusiva dessa linha aberta em 1935 e que se intensificou notavelmente, dentro de sua atividade geral, entre 1946 e ainda até o ano de 1953.¹⁵

Porque, ainda em 1952, Braudel foi convidado ao México e às Antilhas, para proferir uma série de conferências, projeto que ele recusará esse ano por motivo de saúde, mas que concretizará no ano seguinte - 1953. Assim, no último trimestre de 1953, Braudel realiza uma longa viagem de três meses, que inclui o México, o Peru, o Chile e o Brasil, e que vai funcionar, em alguma medida, como a culminação definitiva desse período de intensos nexos com a vida latino-americana.

No México, quem organiza sua visita e o conjunto de suas atividades acadêmicas será principalmente o grupo da revista *Cuadernos Americanos*, liderado por Jesús Siva Herzog, com quem Braudel havia entrado em contato, muito provavelmente através de Mario Monteforte Toledo e Pablo González Casanova, que assistiram a seus cursos em Paris, ao mesmo tempo em que participavam ativamente no projeto da revista mencionada. Desse modo, e mediado por essa nova ponte construída com o âmbito intelectual mexicano, foi possível concreti-

¹⁴ Esta idéia encontra-se enunciada no fim do seu artigo "Pedagogia da História", publicado na *Revista de História* (ano VI, nº 23, São Paulo, 1955), e que na verdade é a transcrição de uma conferência ministrada pelo próprio Braudel em 1936, no Brasil. Era também uma idéia que Fernand Braudel desenvolvia e defendia em seus cursos mencionados do Institut d'Études Politiques dos anos quarenta.

¹⁵ Cf. o *Annuaire du Collège de France. Année 1951-1952* (Paris, p.248-251).

zar a tradução ao espanhol do livro *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, tradução realizada por Wenceslao Roces - entre parênteses, também tradutor ao espanhol de *O Capital*, de Carlos Marx - e Mario Monteforte Toledo, e que veio à luz sob a marca editorial do Fondo de Cultura Econômica, em 1953, incluindo também um prólogo do próprio Braudel, que foi redigido exatamente durante essa visita à terra mexicana, no outono desse ano. Além de preparar esse "Prefácio da primeira edição espanhola", Fernand Braudel vai desenvolver uma intensa atividade no México, proferindo conferências tanto na Escola de Economia e na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Autônoma do México quanto no Instituto Francês da América Latina e no Colégio do México. Somando a tudo isso os animados debates que ele estabelecerá com esses membros do grupo de *Cuadernos Americanos*, nosso autor chegará inclusive a viajar para Acapulco e Yucatán, na qualidade de convidado oficial de todas as instituições mencionadas.

Afirmando assim sua presença dentro dos meios acadêmicos mexicanos - presença que, a partir da edição mexicana de sua primeira obra monumental, terá uma permanência mais sólida e duradoura - Braudel prossegue depois sua viagem até o Peru, onde pronuncia conferências na Universidade Maior de San Marcos e na Sociedade Peruana de História - que ele mesmo qualificará como uma Sociedade de Historiadores "cheia de vida" - ao mesmo tempo que estabelece uma vinculação com os grupos concentrados ao redor das tertúlias do historiador Raúl Porras Barrenechea, e com isso, mais uma vez, um conjunto de nexos com os protagonistas mais avançados da inovação que a historiografia e as Ciências Sociais peruanas daquela época também estão vivendo.

Vinculando-se deste modo a um processo espontâneo de geração de "afinidades seletivas" intelectuais com vários dos grupos que, nas diferentes regiões da América Latina, estão lutando contra as velhas formas dominantes da historiografia e contra as concepções mais tradicionais das Ciências Sociais - o grupo de José Luis Romero, na Argentina, os membros da equipe de *Cuadernos Americanos*, no México, o núcleo das tertúlias de Porras Barrenechea, no Peru, ou o grupo da *Revista de*

História, da Universidade de São Paulo, no Brasil -, Braudel construiu, como fruto de sua intensa aproximação ao mundo intelectual latino-americano dos anos 1946-1953, uma verdadeira "rede" de contatos e pontes intelectuais que lhe permitem ter acesso ao mais inovador e mais vivo da produção historiográfica e de Ciências Sociais que estava então processando-se em nosso sub-continente latino-americano.

Depois dessa também frutífera visita acadêmica ao Peru, Braudel vai finalmente passar pelo Chile, onde será representante da França no Congresso de Universidades Latino-americanas, para concluir sua viagem com uma nova e breve visita à sua já então familiar Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.¹⁶

Deste modo, e pelo que parece ser uma curiosa coincidência simbólica, Braudel encerra em São Paulo, em dezembro de 1953, essa etapa de aproximação intensa com a América Latina, que havia começado também em São Paulo, 18 anos antes, em abril de 1935. Porque, embora a revista *Cuadernos Americanos* fosse publicar, ainda em 1958 e de maneira simultânea a seu aparecimento na França nos *Annales*, o importante artigo sobre "História e Ciências Sociais: a longa duração"¹⁷, e embora Braudel fosse voltar mais adiante ao tema da história da América Latina - com teses e desenvolvimentos que demonstram a sua solidez nesse campo, assim como o seu grande conhecimento das problemáticas latino-americanas abordadas, tanto no seu livro de 1963, *Le monde actuel*, quanto em diversos momentos do argumento geral de sua obra *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII* - fica, entretanto, bastante claro que, depois de 1953, Fernand Braudel desinteressou-se da área de estudos da América Latina, concebida como um tema independente e de certa forma "auto-suficiente".

¹⁶Cf. *Annuaire du Collège de France. Année 1953-1954* (Paris, p. 248).

¹⁷ Para a explicação, nada casual, desta publicação simultaneamente na França e no México, cf. nosso ensaio "Os *Annales* na historiografia latino-americana" (In: Carlos Antonio Aguirre Rojas. *Los Annales y la Historiografía latinoamericana*. México: Ed. UNAM, 1993).

O que pode explicar esta virada braudeliana? O simples fato de que Fernand Braudel vai submergir, a partir dessa época, em seu segundo grande projeto monumental, que desembocará em 1979 em seu segundo grande livro sobre a história do capitalismo moderno, que já mencionamos antes. Dentro deste projeto, que, como sabemos, foi-lhe proposto originalmente por Lucien Febvre como uma mais modesta história econômica do capitalismo europeu dos séculos XV-XVIII, Braudel vai ampliar, temporal e espacialmente, as coordenadas que ele havia construído para seu primeiro livro sobre o Mediterrâneo, até convertê-las no marco do exame de uma história planetária comparada do capitalismo moderno entre os séculos XIII e XX.¹⁸ É então dentro deste novo marco de coordenadas, cuja reconstrução ocupará Braudel durante cerca de 30 anos, onde ele vai inserir-se novamente, como uma peça importante, mas apenas uma peça a mais de um cenário muitíssimo mais amplo do jogo comparativo ensaiado, o tema ou a dimensão particular da história do mundo e da civilização latino-americanos.

II

"...Algumas idéias da Escola dos Annales germinaram durante sua estada no Brasil?"

Fernando Braudel: "Claro que sim. O Brasil me transformou intelectualmente. Eu voltei de lá como uma pessoa diferente. Lá, eu tive de afastar-me do que eu já sabia, do que eu tinha vivido... se eu me tornei menos banal, foi graças a São Paulo." (Entrevista com Fernand Braudel, Rosa Freire d'Águiar, revista *ISTO É*, fevereiro de 1984).

Já fizemos menção ao capítulo brasileiro inicial da experiência latino-americana de Fernand Braudel. Este capítulo é importante não só porque é o primeiro contato de nosso autor com o mundo latino-americano, mas também porque foi o mais

¹⁸ Para a conexão orgânica, conceptual e teórica entre *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II* e *Civilização material, economia e capitalismo*, veja-se nosso ensaio "Dimensões e alcances da obra de Fernand Braudel" (In: *Primeras Jornadas Braudelianas*, cit).

intenso, o mais duradouro e frequente, e também o mais relevante, qualitativamente falando, de todo o conjunto de contatos dessa experiência.

Se considerarmos então esta "centralidade" das estadas no Brasil e da conexão brasileira dentro dos "momentos latino-americanos" do itinerário intelectual braudeliano que até agora resumimos, poderemos perguntar-nos, mais particularmente, como se desenvolveu essa primeira estada no Brasil, dos anos 1935-1937 e, principalmente, que implicações ela teve na modificação e na própria estruturação da concepção braudeliana da História. E, por essa mesma via, como devemos interpretar, do ponto de vista mais global da biografia intelectual de Fernand Braudel que aqui adotamos, todas essas alusões freqüentes e indubitáveis do próprio Braudel com respeito ao impacto e ao significado que essa experiência brasileira teve em seu próprio desenvolvimento intelectual? Ou, de outro modo, para colocá-lo mais genericamente, qual é, pois, afinal, o balanço que agora podemos fazer com relação a essa troca singular entre o autor de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II* e o universo brasileiro e, por extensão, latino-americano daqueles tempos?

Além de que, num terreno mais pessoal, Braudel afirmasse que durante esse período brasileiro de sua existência haviam transcorrido os "melhores anos de sua vida", também é certo que se trata aqui de uma experiência radical, tanto de vida quanto acadêmica, que transtornou todos os seus esquemas anteriores, trazendo-lhe inúmeros elementos novos para a elaboração de uma também nova e diferente cosmovisão da História, onde ele mesmo vai repensar todas as "verdades" antes adquiridas e todas as experiências vividas até esse momento, para terminar convertendo-se no singular historiador que depois viria a ser.

Porque, apoiando-se nos frutos da longa e fundamental experiência na Argélia e nos progressos obtidos em torno de sua pesquisa, então em curso, sobre o Mediterrâneo, o capítulo brasileiro vai aprofundar e levar até um extremo as mutações intelectuais que o próprio Braudel estava vivendo e que haviam começado, sem dúvida, antes de 1935. Em particular, é impor-

tante lembrar que foi justamente entre 1927 e 1935 que Fernand Braudel realizou seu trânsito da História tradicional à Nova História Econômico-Social, trânsito este que culmina precisamente entre o fim de 1934 e o começo de 1935, quando, nos arquivos de Ragusa (Dubrovnik), nosso autor descobre pela primeira vez todo o "Mediterrâneo econômico do século XVI"¹⁹, isto é, todo esse universo de tráficos mercantis, de circuitos monetários e financeiros e de mecanismos econômicos específicos, que constituem as molas ocultas dos jogos diplomáticos e das diferentes políticas e alianças do cenário mediterrâneo da época de Felipe II. E é depois, no próprio Brasil, essa sociedade em rápida formação, onde a economia caminha - do mesmo modo que em toda a América Latina - a um ritmo igualmente vertiginoso de estruturação, mudanças e desestruturação, que Braudel vai poder observar de perto e comprovar de forma empírica evidente esse peso real dos fatores econômicos e sociais dentro da História, o que lhe permitirá consolidar e tornar complexo, ao mesmo tempo, o referido trânsito à nova historiografia, que revaloriza e redimensiona o papel dos fatos econômicos e sociais, e que então está sendo fortemente incentivada e promovida na França pelos jovens *Annales d'Histoire Economique et Sociale*.

Algo semelhante vai acontecer com respeito ao processo de "descentralização" do ponto de vista europeu ou eurocentrista sobre a História que Braudel tinha adquirido durante sua formação inicial como historiador, em sua passagem como aluno da Sorbonne. Já na Argélia, como ele mesmo afirmou, havia começado esse questionamento e essa recolocação da perspectiva eurocentrista, quando aprendeu pouco a pouco a "olhar" o Mediterrâneo de um modo pouco freqüente, ao assumi-lo cada vez mais desse outro observatório radicalmente diferente, que era sua posição na Argélia e em Magreb, que concedia a essa mesma realidade mediterrânea novos sentidos e novas dimensões.

¹⁹ Cf. o artigo de Braudel "Personal Testimony", já citado, e também nosso ensaio "Fernand Braudel. Retrato Intelectual" (*La Jornada Semanal*, nº 167, México, agosto de 1992).

Era uma percepção essencialmente diferente do Mediterrâneo, contemplado e examinado de sua "margem do sul", que é geralmente inédita para a maioria dos historiadores europeus e que explica também o tremendo impacto que terá sobre Fernand Braudel o primeiro contato direto com o grande historiador belga Henri Pirenne, a quem nosso autor vai conhecer e escutar pessoalmente, por ocasião de sua visita acadêmica realizada à Argélia em 1931. Ao presenciar o historiador belga expor diante do auditório sua célebre tese, depois desenvolvida por escrito em sua obra *Maomé e Carlos Magno*, Braudel reafirmará sua idéia de conceber o próprio mar Mediterrâneo como possível "protagonista" da análise histórica, invertendo com isso a tese tradicional, que o investiga sempre como um simples "nexo" ou complemento da transformação da própria Europa.

E será novamente o Brasil o espetáculo que vai executar esse movimento de redefinição radical dos "olhares" ou dos centros ou posições a partir dos quais a história universal é reconstruída: ao calor do verdadeiro "choque civilizador", produzido pelo mundo latino-americano em sua versão brasileira, Braudel vai completar esse movimento de "descentralização" de sua antiga visão eurocentrista, superando na essência a idéia tradicional da história do mundo vista apenas a partir da perspectiva européia e em função da própria Europa. Isso vai então permitir estudar o Mediterrâneo como "um mundo em si", e mais radicalmente como um dos centros estruturadores e determinantes da história do "velho" mundo, tese revolucionária e inovadora que já estará subjacente na primeira edição da pesquisa braudeliana sobre esse mesmo Mediterrâneo, e que mais adiante vai conduzi-lo também à sua noção singular da civilização européia, entendida como o diálogo permanente entre as "duas Europas", que se fundem na entidade Europa, sem desaparecer, ou em direção à sua visão particular sobre a história universal, assumida agora como a "dialética das diferentes civilizações" construídas pelo homem em toda a extensão e largura da face da terra.

Continuando assim - embora agora com o material que lhe é oferecido pelo Brasil dos anos trinta - as duas linhas de mutação mencionadas, Braudel encontrará ao mesmo tempo

novas realidades e experiências, que também produzirão nele profundas mudanças intelectuais, como, por exemplo, a clara ampliação de seu marco analítico de referência, derivada do cumprimento da própria tarefa que lhe foi encomendada, na qualidade de titular da cadeira de História da Civilização, cátedra cujo objetivo era - no dizer do próprio Braudel - a revisão dos "Annales completos da humanidade, em toda a extensão do tempo e do espaço"²⁰. Para poder ministrar os diferentes temas compreendidos por esses Cursos, Seminários e Lições de História da Civilização, Braudel teve que recapitular todos os seus conhecimentos de história universal, diante da necessidade de falar tanto da história do Oriente, da Grécia ou de Roma quanto do século XIX, da história ibérica desde as suas origens até os descobrimentos, ou dos diferentes períodos da Idade Média. E tudo isso orientado, em certa medida, para dar respostas às preocupações contemporâneas da história e da vida brasileiras daquela época, diante de um auditório de alunos vivos e ávidos por perguntar e debater sobre todos os temas possíveis que forçavam o próprio Braudel a "tomar partido a respeito de tudo".²¹ Com isso, e de uma forma quase espontânea, vai-se gestar no futuro autor do livro *Civilização Material, economia e capitalismo* - e por meio dessa paciente e sistemática revisão dos *Annales* completos da história humana - essa nova visão mais global, comparativa e realmente planetária dos problemas históricos, que depois se plasmaria no conjunto de sua obra posterior.

Reconstruindo deste modo, durante esses três anos de intensa atividade, as mil e uma etapas, figuras e variantes²² das

²⁰ Veja-se o relatório de Fernand Braudel, de seu primeiro ano de trabalho docente no Brasil, intitulado "O ensino da História. Suas diretrizes" (In: *Anuário 1934-1935. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*. São Paulo: Ed. da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1937, agora traduzido e publicado em espanhol na revista *Ojarasca*, nº 25, outubro de 1993).

²¹ Veja-se a referência no artigo de Braudel "Personal Testimony", antes citado.

²² Sobre esse aspecto podem ser consultados os nossos artigos "Dimensões e alcances da obra de Fernand Braudel" (*cit.*) e o ensaio "O legado dos Annales

diferentes curvas evolutivas das civilizações humanas, Braudel terminará por estabelecer também uma nova problemática ou campo de pesquisa, que continuará desenvolvendo pelo resto de sua vida. Porque, sob o impacto do conhecimento direto de uma nova civilização e, em consequência, de outros costumes, de formas culinárias desconhecidas, de comportamentos e respostas culturais antes ignorados e de atitudes também novas e inéditas em relação à natureza, ao mundo e aos outros homens, Braudel será levado a tentar um exercício sistemático de comparações entre os diversos universos e experiências que ele conheceu, no esforço de encontrar um caminho de esclarecimento e apreensão dessas novas realidades em que ele se acha submerso. Ensaiará então a explicação de uma civilização brasileira a partir dos mistérios da vida e dos movimentos do Oceano Atlântico, tal como ele havia tratado de explicar a Europa a partir do mundo mediterrâneo, assim como recorre à comparação dos casos da França, da Argélia e do Brasil no momento de tentar definir o conceito do que é um "país novo"²³. E, dessa maneira, o que Fernand Braudel vai delimitando é a problemática global das dinâmicas e identidades diferenciais, e depois a dialética global das diferentes civilizações construídas pelos homens, e por este caminho o esboço de sua "teoria das civilizações", cujo desenvolvimento maior e mais acabado ficará, como já sabemos, como uma das tarefas por terminar do legado braudeliano, concretizando-se de maneira mais sistemática e explícita em torno do âmbito mais específico de sua dimensão como civilização material.

À luz dessas consequências, a experiência de Fernand Braudel no Brasil mostra-se muito mais relevante do que poderia parecer à primeira vista. Porque, embora paradoxalmente haja sido uma certa casualidade o que determinou que Braudel fosse incorporado a essa Missão Francesa no Brasil - a morte

Braudeliano, 1956-1968", que dentro em breve será publicado na revista *Temas Medievales*, de Buenos Aires.

²³ Cf. o ensaio de Fernand Braudel "Conceito de país novo", na revista *Filosofia, Ciências e Letras*, ano 1, nº 2, agosto de 1936 (agora traduzido ao espanhol e publicado na revista *Perfiles Latinoamericanos*, Ed. FLACSO - Sede México, nº 2, México, junho de 1993).

repentina de um candidato anterior, que havia aceito esse cargo, fez com que Georges Dumas transferisse essa proposta para Braudel -, isso não impediu que o então pesquisador da civilização mediterrânea tomasse muito a sério a aceitação dessa tarefa, integrando-se muito ativamente à vida acadêmica brasileira, ao mesmo tempo em que aguçava todos os seus sentidos para deixar-se "invadir" por esta nova experiência e tirar dela todas as lições e ensinamentos possíveis.

Porque a participação no meio intelectual paulista será para Fernand Braudel uma participação integral, desenvolvida tanto na docência quanto na pesquisa, na formação de novos historiadores, como também nas publicações de divulgação historiográfica, e igualmente atenciosa com os colegas brasileiros quanto com seus próprios companheiros da Missão Francesa. Assim, além dos já mencionados Cursos, Seminários e Lições derivados de sua cátedra, Braudel vai ministrar também algum curso ocasional sobre "Assuntos Pedagógicos", assim como um conjunto de conferências abertas para todo público²⁴, funcionando simultaneamente como uma espécie de "líder" dessa Missão Francesa no Brasil, um líder que aconselha, apóia e estimula seus colegas franceses mais jovens.

²⁴ Para dar uma idéia mais aproximada da amplitude dos temas abordados por Fernand Braudel, vale a pena reproduzir os temas desenvolvidos nos Cursos de 1937, por exemplo:

Lições gerais: "O mundo na época napoleônica" e "História romana (transição da República ao Império)".

Seminários: "História ibérica (das origens aos descobrimentos)", "História medieval (das invasões às cruzadas)" e "O mundo em 1900", "História medieval (desde as Cruzadas até a tomada de Constantinopla)".

Essa amplitude de temas repete-se nas questões tratadas por Braudel em suas Conferências Públicas, cujos títulos foram:

Em 1935, três conferências: "O fim de Napoleão I", "Anatole France e a História" e "O nascimento da Europa".

Em 1936, duas conferências: "Concepção da História e pedagogia da História" e "A pedagogia da História adaptada à civilização brasileira".

Em 1937: "A formação das Américas".

Para estas referências, podem ser consultados o *Anuário 1934-1935*, *Anuário 1936*, *Anuário 1937-1938*, da Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, São Paulo, 1937, 1938 e 1939.

Deste modo, ao mesmo tempo em que estimula seus alunos a incursionarem nos arquivos de seu país e dirige a elaboração de monografias e trabalhos nessa direção, Braudel envolve-se ativamente no campo das publicações, participando nas comissões de publicações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade, que supervisionam tanto a edição dos anuários da Faculdade quanto dos boletins das diferentes cadeiras ministradas.

Preocupado então com a divulgação do que é feito e do que é produzido na Universidade, Braudel não descuida, no entanto, de sua própria atividade, colaborando com certa frequência com breves artigos jornalísticos no diário *O Estado de São Paulo*, entregando seu ensaio sobre "O conceito de país novo" à revista estudantil de sua Faculdade ou projetando, com seu ajudante Eurípedes Simões de Paula, a fundação de uma nova revista de história (projeto que não consegue prosperar durante esta primeira estada de Braudel no Brasil, mas que será a origem da conhecida *Revista de História*, que começará a ser publicada em 1950, sob a direção do próprio Simões de Paula e com a incorporação freqüente de artigos de Fernand Braudel em suas páginas).²⁵

Então, comprometendo-se de cheio com essa estada no Brasil, e estabelecendo um duplo diálogo, tanto com o conjunto de experiências vividas quanto com os colegas intelectuais brasileiros com os quais se vinculará desde aqueles tempos - como Gilberto Freire ou Caio Prado Junior, para mencionar apenas

²⁵ Sobre esta diversificada atividade de Braudel, cf. os já citados Anuários da Faculdade, dos anos 1934-1935, 1936 e 1937-1938. Sobre o papel de liderança de Braudel, veja-se o testemunho de Jean Maugüe, em seu livro *Les dents agacées* (Paris: Ed. Buchet/Chastel, 1982), e as declarações de Claude Lévi-Strauss em seu artigo "Fernand Braudel" (*Esprit*, nº 111, fevereiro de 1986), ou no artigo "Os anos mais felizes de Braudel. No Brasil" (*O Estado de São Paulo*, 30 de nov. de 1985). Sobre a associação da *Revista de História* com os projetos de Braudel, veja-se seu primeiro editorial "O nosso programa" (*Revista de História*, vol. I, nº 1, jan.-mar. de 1950). Finalmente, sobre o importante papel dessa revista dentro do meio intelectual brasileiro das décadas de 50 e 60, veja-se o livro de Carlos Guilherme Mota *Ideologia da cultura brasileira, 1933-1974* (São Paulo: Editora Ática, 1990).

dois dos mais importantes -, Braudel não hesita em abandonar suas concepções anteriores das coisas, ou em submeter a prova as conclusões das experiências anteriormente vividas, aprendendo, pelo contrário, as diferentes lições pessoais, teóricas e metodológicas que a nova situação lhe oferece. São ensinamentos importantes deste capítulo paulista de seu próprio itinerário, que muito possivelmente são as que Braudel tem em mente quando afirma, repetidamente, que foi o Brasil que o fez diferente, menos banal e mais inteligente.

Como bom historiador formado durante o primeiro quarto do nosso século - e, em consequência, dentro da tradição da escola de Vidal de la Blache -, Braudel vai estar atento às novas realidades geográficas e espaciais que o mundo novo que então está explorando lhe oferece. E dessa atenção, e da profunda marca que ela produzirá na reflexão e na elaboração braudelianas, se derivará um dos filões de pesquisa e hipóteses mais originais da cosmovisão do historiador do Mediterrâneo. Porque, como ele dirá mais tarde, a imensidão relativa do espaço americano impressionou-o profundamente, ao apresentar-se a ele como numa espécie de "traje sempre incomensuravelmente grande" das civilizações americanas. Embalagem onipresente das sociedades latino-americanas, este meio natural ou geográfico é em nossas terras um protagonista inegável de toda história possível, fato que Braudel vai reconhecer e reassumir em sua interessante colocação sobre a "geo-história", em seu modelo de explicação do mundo mediterrâneo em que ele reconstruiu para nós o papel fundamental do meio natural dentro dos processos da história e da vida mediterrâneas, que ilustram de um modo exemplar a dialética mais geral entre base geográfica e processo civilizador, que é um dos principais eixos articuladores de todo o conjunto de sua produção intelectual. Redescobrimo assim no Brasil esse fundamento último de toda reconstrução histórica científica, ao qual certa vez Marx fez referência, e que está constituído por essa "influência do meio ambiente", que inicia o argumento do primeiro grande trabalho braudeliiano, Braudel

vai extrair outro dos ensinamentos mais importantes de sua primeira estada em São Paulo.²⁶

Outro ensinamento, igualmente central para a estruturação posterior do ponto de vista braudeliano sobre a História, é a superposição singular de diversos fenômenos históricos correspondentes a diferentes épocas de desenvolvimento, que Braudel pensou haver descoberto também no mundo latino-americano, e que o impressionou igualmente desde suas primeiras aproximações às realidades brasileiras. Para o promotor da longa duração histórica, esta clara coexistência ou mistura de presente e passado, que se pode encontrar em qualquer parte do mundo brasileiro e latino-americano dos anos trinta, constitui por si mesma uma "lição contínua", porque, por meio das diferentes metáforas com que Fernand Braudel tenta transmitir o novo espetáculo que ele tem diante dos olhos - por exemplo, caracterizando certas cidades brasileiras como cidades "quase medievais", de acordo com os padrões europeus, embora sejam ao mesmo tempo cidades medievais... com automóveis Ford! ou afirmando que a história dos quatro últimos séculos da América Latina reproduz de algum maneira, abreviada e vertiginosa, toda a história milenar da Europa²⁷ - e, nesse esforço intelectual de aprender adequadamente essa presença simultânea das diferentes épocas históricas, resulta lógico que nosso autor tenha começado a pensar e a aprofundar-se na dialética passado/presente e, em consequência, nas implicações dessa existência paralela ou imbricação coexistente das diferentes épocas, o que - como nós sabemos - desembocará posteriormente em sua original teoria das temporalidades diferenciais e da longa duração histórica, teoria que é a peça metodológica fundamental de toda a sua obra, em geral.

²⁶ Sobre a importância dessa idéia braudeliana em torno da geo-história e sua comparação com a concepção similar de Marx, cf. nosso artigo "Between Marx and Braudel: making history, knowing history" (*Review*, vol. XV, n° 2, spring 1992).

²⁷ Para o uso destas metáforas, vejam-se os artigos de Braudel "Conceito de país novo" (*cit.*), ou "Dans le Brésil bahianais: le présent explique le passé" (*Écrits sur l'Histoire*. Paris: Ed. Flammarion, 1969).

Funcionando então como um verdadeiro laboratório de novos problemas e novas reflexões, a estada de Fernand Braudel no Brasil parece estar na origem de várias de suas contribuições maiores à História e à historiografia contemporânea. Isso significa que o intercâmbio entre Braudel e o Brasil - e de um modo mais geral entre Braudel e a América Latina - não foi unilateral nem irrelevante, muito pelo contrário, foi inteiramente recíproco e fundamental para ambas as partes, pois, se Fernand Braudel contribuiu, sem dúvida, para a historiografia latino-americana de nosso século - tanto com o impacto intelectual de suas obras e com a difusão de certa produção latino-americana na França quanto através do processo de formação de uma geração de historiadores brasileiros e do apoio prático e do estímulo a vários grupos de historiadores e cientistas sociais renovadores da Argentina, do Peru, do Brasil e do México, entre outros - também é verdade que ele recebeu deste mesmo subcontinente latino-americano - e especialmente do Brasil - uma experiência riquíssima e um saudável "choque civilizador", que o ajudou a aprofundar-se e, principalmente, a renovar radicalmente tanto suas problemáticas historiográficas quanto toda a sua concepção particular sobre a História.

Agora que volta a ser uma pergunta candente e de atualidade a indagação sobre o futuro papel da Europa no mundo, pode ser interessante voltar novamente às lições desta troca singular entre o historiador lorenense, francês, mediterrâneo e europeu, chamado Fernand Braudel, e o Brasil e a América Latina dos anos trinta e quarenta. Esse intercâmbio demonstra mais uma vez que só é capaz de aprender dos outros quem começa reconhecendo a eles uma identidade e um valor próprios, isto é, aquele que em vez de só ver nos outros um possível "espelho" novo de sua própria imagem, é capaz de desprender-se de si mesmo e de autorelativizar-se a tal ponto que possa também aprender e conceber o que tem diante de si como um outro eu, como o próximo, mas diferente. Afinal de contas, isto não é outra coisa que uma das tantas derivações necessárias do pensamento genuinamente crítico, o mesmo que Fernand Braudel soube cultivar em geral e, também sem dúvida, durante sua passagem pelo Brasil e dentro dessa estreita conexão com a

América Latina, que constituem verdadeiros capítulos e experiências fundamentais do itinerário, ainda insuficientemente conhecido, do grande advogado da longa duração histórica.